

Ficha 14 — Teorias não essencialistas: institucional e histórica

11.º Ano

Filosofia

4 páginas

12 exercícios

Objetivo: Compreender as teorias *não essencialistas* da arte — a teoria institucional e a teoria histórica —, que renunciam a uma essência comum e explicam a artisticidade por fatores contextuais, institucionais e históricos.

Revisão rápida

- **Viragem não essencialista:** se nenhuma propriedade comum une *toda* a arte (da Vénus de Milo a um urinol assinado), talvez a arte não tenha essência — seja definida pelo *contexto*, não por propriedades intrínsecas.
- **Teoria institucional:** algo é arte porque o *mundo da arte* (artistas, críticos, curadores, museus, galerias) o reconhece e consagra como tal — a artisticidade nasce de uma prática social reconhecida.
- **Teoria histórica:** algo é arte se se liga, por *continuidade intencional*, a obras anteriores já reconhecidas como arte — a arte define-se por uma tradição e pelas intenções que a prolongam.
- **Consequência:** o mesmo objeto pode ser arte num contexto e não o ser noutro — o valor artístico deixa de ser uma propriedade «no objeto» e passa a ser uma propriedade *relacional*.
- **Objeção:** se tudo depende da instituição, «arte» arrisca-se a ser arbitrário — e a teoria não distingue uma consagração legítima de uma mera manobra de poder.

Exercícios

1. Explica por que razão as teorias não essencialistas surgem como resposta ao fracasso das definições essencialistas: __

2. Teoria institucional: a) Em que consiste a tese? __ b) Quem é o «mundo da arte»? __ c) O que faz um objeto passar a ser arte? __

3. Teoria histórica: a) Em que consiste a tese? __ b) Que papel tem a *intenção* do autor? __ c) Que papel tem a *tradição* anterior? __

4. Comparação: preenche — o que torna algo arte: institucional __ / histórica __ · papel do contexto: institucional __ / histórica __ · principal fragilidade: institucional __ / histórica __

5. V/F: a) Para as teorias não essencialistas, existe uma propriedade comum a toda a arte → __ b) A teoria institucional depende do reconhecimento do mundo da arte → __ c) A teoria histórica liga a obra à tradição que a precede → __ d) O mesmo objeto pode ser arte num contexto e não o ser noutro → __

6. Caso do ready-made: um urinol industrial assinado e exposto numa galeria — a) como explica a teoria institucional a sua artisticidade? __ b) como explicaria a teoria histórica? __ c) como reagirá a teoria da representação? __

7. Objeções: a) Formula a objeção da arbitrariedade à teoria institucional __ b) Formula a objeção do regresso ao infinito à teoria histórica (e responde-lhe com a noção de «primeira arte») __

8. Contraste: escolhe um objeto banal (uma pedra, uma cadeira) e mostra como cada teoria poderia *transformá-lo* em arte e em que condições isso falharia.

9. Caso: Uma empresa coloca uma escultura minimalista no átrio da sede e o crítico de um jornal afirma que «não é arte, é decoração corporativa». Com as teorias não essencialistas, mostra em que condições a afirmação do crítico pode ser contestada e em que condições se mantém.

10. Produção: Toma posição: «A arte não tem essência: é o que o mundo da arte (ou a história) reconhece como tal.» Apresenta um argumento a favor, um contra-argumento e uma conclusão fundamentada.

11. Apoio à leitura: «Se o contexto faz a obra, então um museu vazio de sentido pode transformar lixo em arte — e o inverso também.» a) Explica a tese em duas frases b) Avalia a força da objeção: será um problema fatal ou um preço aceitável?

12. Mapa de conceitos: completa: teoria institucional → a arte depende de ___ · teoria histórica → a arte depende de ___ · essencialismo → procura ___ · não essencialismo → recusa ___.

Soluções — Ficha 14: Teorias não essencialistas

1. (modelo) Porque nenhuma definição essencialista resistiu aos contraexemplos: representação falha com a abstração, expressão falha com a arte sem carga emocional, forma falha com a arte conceptual. Se não há propriedade comum a toda a arte, resta explicar a artisticidade por fatores externos ao objeto — o reconhecimento institucional ou a continuidade histórica.
2. a) algo é arte porque o mundo da arte o reconhece e consagra como tal b) artistas, críticos, curadores, galeristas, museus, historiadores — a comunidade que produz e valida a arte c) o reconhecimento por essa comunidade: expor, catalogar, integrar no discurso crítico e museológico.
3. a) algo é arte se se liga, por continuidade intencional, a obras já reconhecidas como arte b) o autor cria *intencionalmente* no quadro de uma tradição artística, referindo-se a ela c) a tradição fornece o repertório e o critério: a nova obra prolonga/transforma o que a precede, e é arte por essa continuidade.
4. o que torna algo arte: institucional *o reconhecimento do mundo da arte / histórica a continuidade com a tradição artística* · papel do contexto: institucional *decisivo (social e institucional) / histórica decisivo (temporal e intencional)* · fragilidade: institucional *arbitrariedade (tudo pode ser consagrado) / histórica regresso ao infinito (e a «primeira arte»?)*.
5. a) F (recusa a existência de uma essência) b) V c) V d) V.
6. a) o mundo da arte consagrou-o: a assinatura, a exposição na galeria, a discussão crítica incluíram-no no discurso artístico — a artisticidade vem desse reconhecimento b) liga-se por intenção a toda a tradição artística anterior: o autor escolhe e desloca um objeto vulgar *contra* a tradição da obra de arte única, prolongando-a pelo questionamento c) (representação) não representa nada: a teoria não o reconhece como arte.
7. a) se basta o reconhecimento institucional, então qualquer objeto pode tornar-se arte por decisão de uma instituição — a distinção entre arte e não arte perde conteúdo e depende de poder b) se só é arte o que se liga a arte anterior, a primeira obra de arte não pode ser arte (não havia tradição a que se ligasse) — regresso ao infinito. Resposta: a «primeira arte» define-se por intenção estética inicial, e a tradição começa aí; a teoria admite um ponto de partida.
8. (modelo) Uma pedra: (institucional) torna-se arte se um museu a expuser, catalogar e integrar no discurso crítico; falha se ninguém a reconhecer. (histórica) torna-se arte se for apresentada com intenção de a ligar à tradição da escultura (como pedra «escolhida», ao modo do ready-made); falha se for apenas um obstáculo no caminho, sem intenção nem ligação à tradição. Nota: em ambos os casos, o que muda não é o objeto, mas o contexto — e é isso que a teoria não essencialista assume.
9. (modelo) A afirmação do crítico pode ser contestada se a peça estiver integrada no circuito artístico (autor reconhecido, catálogo, exposições, crítica especializada) — nesse caso, o mundo da arte já a valida, e a «decoração» é apenas a sua função no espaço. Mantém-se se a peça não tiver qualquer ligação à tradição artística nem reconhecimento institucional: então é design/decoração, não arte. A resposta depende inteiramente de aceitarmos o critério não essencialista — o que mostra o preço da teoria: não decide pelo objeto, mas pelo contexto.
10. (modelo) A favor: a arte do século XX (ready-made, arte conceptual, performance) só se compreende pelo contexto — não há propriedade intrínseca partilhada entre uma Vénus e um urinol assinado; o reconhecimento institucional e histórico explica melhor a prática real. Contra-argumento: sem qualquer critério substantivo, a teoria torna-se arbitrária — qualquer consagração vale, e perde-se a capacidade de distinguir arte de publicidade ou de propaganda; além disso, o reconhecimento supõe já a arte (a instituição só consagra o que reconhece como candidato). Conclusão: as teorias não essencialistas captam uma dimensão real (o contexto é constitutivo) mas, sozinhas, deixam a arte à mercê de quem tem poder para a consagrar.
11. a) (modelo) Se a artisticidade depende do contexto, então o mesmo objeto muda de estatuto conforme o lugar e o discurso: um museu pode elevar lixo a arte, e um objeto de arte pode degradar-se a lixo se retirado do circuito b) Avaliação: a objeção tem força (expõe o risco de arbitrariedade e de relativismo), mas não é fatal — pode responder-se que o reconhecimento não é capricho individual: exige integração coerente no discurso crítico e na tradição, com razões apresentáveis. O preço é aceitar que arte é uma categoria relacional, não uma propriedade natural.
12. teoria institucional → a arte depende de *o reconhecimento pelo mundo da arte* · teoria histórica → a arte depende de *a continuidade intencional com a tradição artística* · essencialismo → procura *uma essência comum a toda a arte* · não essencialismo → recusa *essa essência; explica a arte pelo contexto*.